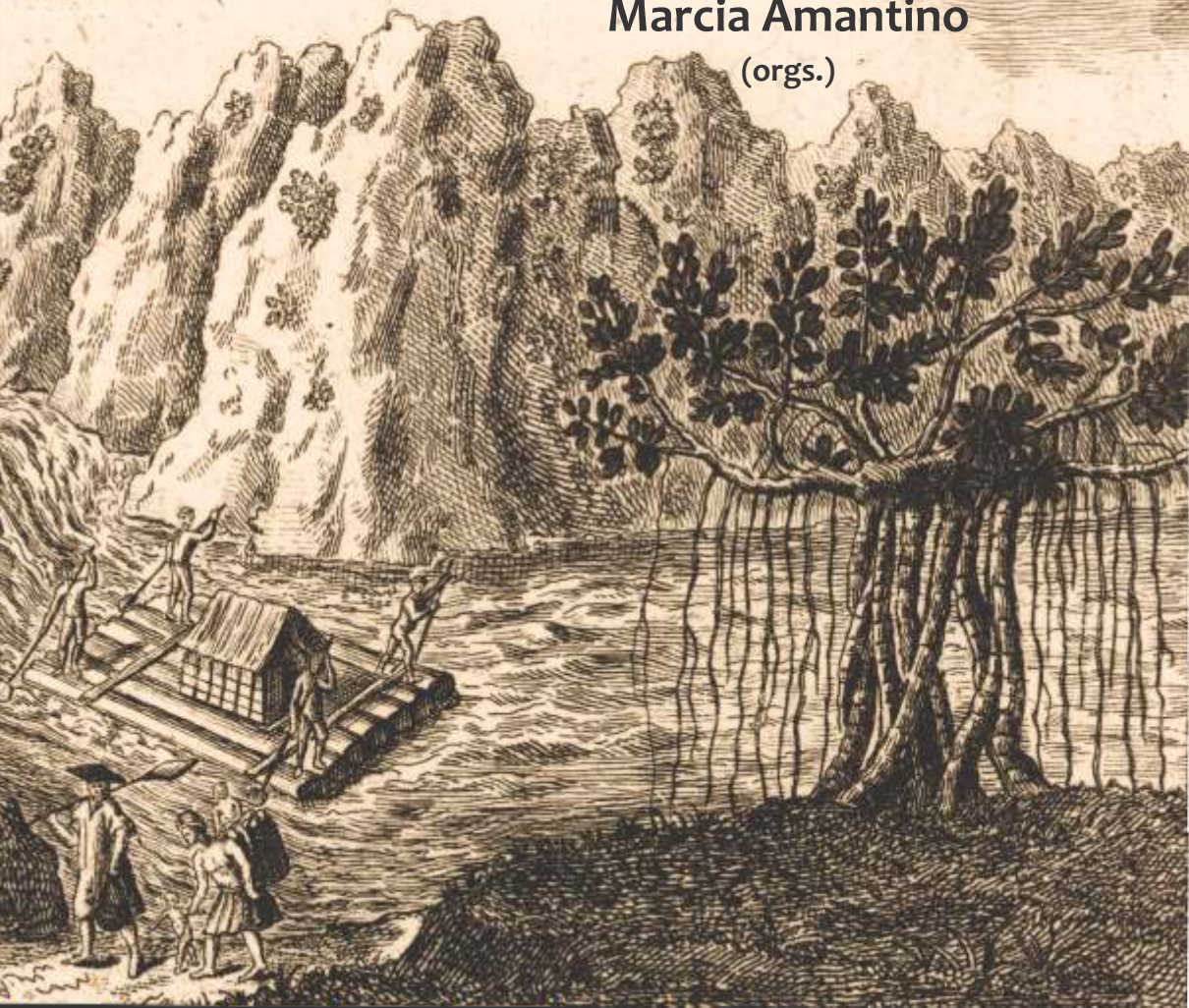


**Eliane Cristina Deckmann Fleck
Marcia Amantino**
(orgs.)



FRANCISCANOS, JESUÍTAS E BENEDITINOS NA
AMÉRICA COLONIAL
séculos XVI-XVIII

Marcia Amantino

Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do PPGH em História da Universidade Salgado de Oliveira e professora adjunta da UERJ. É autora dos livros *A Companhia de Jesus no Rio de Janeiro: o caso do Engenho Velho, século XVIII* (2018), *O Mundo das Feras: os moradores do sertão Oeste de Minas Gerais, século XVIII* (2008) e coorganizadora de *A Companhia de Jesus na América por seus colégios e fazendas: aproximações entre Brasil e Argentina, século XVIII* (2015), *Santa Cruz: de legado dos jesuítas a pérola da Coroa* (2013) e outros. Pesquisa a economia e a inserção social da Companhia de Jesus na capitania do Rio de Janeiro e a escravidão de negros e de indígenas.

Eliane Cristina Deckmann Fleck

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista de Produtividade do CNPq e Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. É autora dos livros *O Livro de Cirurgia* (2022), *As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos* (2015) e *Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus. América platina, séculos XVII e XVIII* (2014), e coorganizadora de *A ação global da Companhia de Jesus: embaixada política e mediação cultural em um cenário mundial* (2018) e *A Companhia de Jesus na América por seus colégios e fazendas. Aproximações entre Brasil e Argentina, séc. XVIII* (2015). Atua nas áreas de História Moderna e História da América, privilegiando temas relacionados à História da Saúde e das Doenças, à História das Ciências e à História das Religiões e Religiosidades.

A Igreja Católica, principal instituição internacional da época, em particular na Idade Moderna, a par com a monarquia, foi um dos pilares na estruturação das sociedades europeias e coloniais, e foi responsável por muitas das conquistas. Ainda que pesassem muitas divergências, ambas erigiram discursos de conquistas temporal e espiritual dos povos, justificativos da escravatura. (...) Atendendo à dimensão e diversidade socio-cultural dos espaços missionários, as metodologias missionárias foram se adaptando aos contextos. (...) No império, para além do apoio espiritual às populações europeias que por aí circulavam, tanto cristãos velhos como cristãos-novos, haviam de alargar as missões às populações autóctones. Isto é, era necessário angariar novos cristãos ou catequizar os que já se autodesignavam cristãos.

Maria de Deus Beites Manso

**Franciscanos, jesuítas
e beneditinos na América colonial,
séculos XVI-XVIII**

**Eliane Cristina Deckmann Fleck
Marcia Amantino
(orgs.)**

**Franciscanos, jesuítas
e beneditinos na América colonial,
séculos XVI-XVIII**

E-book



São Leopoldo
2023

© Dos autores – 2023

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Imagem da capa: Murr, Christoph Gottlieb von. *Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika aus ihren eigenen Aufsätzen herausgegeben*. Nürnberg: Johann Eberhard Zeh, 1785.

Revisão: Rui Bender

Diagramação e arte-final: Jair de O. Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Bolsista de Produtividade CNPq)

Marluza M. Harres (Unisinós)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

F819 Franciscanos, jesuítas e beneditinos na América colonial, séculos XVI-XVIII.

[E-book]. / Organizadoras: Eliane Cristina Deckmann Fleck e Marcia Amantino. – São Leopoldo: Oikos, 2023.

283 p.; il. color.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-5974-158-8

1. Religião – História. 2. Religião – Ciência. 3. Franciscanos. 4. Jesuítas.
5. Beneditinos. I. Fleck, Eliane Cristina Deckmann. II. Amantino, Marcia.

CDU 271.1/5(091)

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Sumário

| | |
|---|-----|
| Prefácio | 7 |
| <i>Maria de Deus Beites Manso</i> | |
| Apresentação | 13 |
| <i>Marcia Amantino</i> | |
| <i>Eliane Cristina Deckmann Fleck</i> | |
| A Igreja e o Padroado: o clero secular e as ordens regulares na América portuguesa (séculos XVI-XVIII) | 17 |
| <i>Maria da Conceição Vilela Franco</i> | |
| A conversão da América em disputa. Os franciscanos e seus embates teológicos e políticos na primeira metade do século XVI | 47 |
| <i>Anderson Roberti dos Reis</i> | |
| <i>Luís Guilherme Assis Kalil</i> | |
| Los Franciscanos en Hispanoamérica | 82 |
| <i>Mercedes Avellaneda</i> | |
| <i>Para a Glória de Deus Nosso Senhor: A atuação da Companhia de Jesus na América platina (séculos XVII e XVIII)</i> | 108 |
| <i>Eliane Cristina Deckmann Fleck</i> | |
| A Companhia de Jesus na América portuguesa | 149 |
| <i>Marcia Amantino</i> | |
| Os jesuítas e as tentativas de conquista da Capitania de Sergipe del Rey .. | 181 |
| <i>Ane Luise Silva Mecenas Santos</i> | |
| Barroco-Açu: As missões jesuíticas da América Portuguesa na Geografia Artística do Sul Global | 211 |
| <i>Renata Maria de Almeida Martins</i> | |

| | |
|---|-----|
| A Ordem de São Bento na América portuguesa: a Capitania do Rio de Janeiro | 232 |
| <i>Bruno Freitas Carneiro</i> | |
| Trabalho e produção nas fazendas da Ordem de São Bento: o caso dos escravos-feitores (Rio de Janeiro, século XIX) | 251 |
| <i>Vitor Hugo Monteiro Franco</i> | |
| Sobre os autores e as autoras | 279 |

Prefácio

A Reconquista Cristã, ocorrida na Península Ibérica entre os séculos VIII e XV, período durante o qual os reinos cristãos ibéricos lutaram para recuperar o controle das terras que haviam sido conquistadas pelos muçulmanos, sedimentou uma práxis de luta e de dominação face ao “infiel”, ao “outro”. As “religiões de salvação”, em que o cristianismo se inclui, levam-nos a entender a salvação como uma libertação (redenção) do mal, do pecado numa dimensão coletiva e/ou universal, já que se articula à esperança de uma remissão para toda a humanidade.¹ Essa herança remonta a épocas históricas mais antigas. Por exemplo, nos textos do profeta Isaías (séculos XVIII-XVII antes da Era Vulgar) referentes à perseguição lançada pelo rei assírio Senaqueribe (r. 705-681 antes da Era Vulgar) contra a cidade de Jerusalém e o reino de Judá (930-586). Já então a salvação se ajustava à libertação.²

Durante a Idade Média (séculos V-XV), assim como na Modernidade (c. 1500-), a guerra era frequentemente usada como meio para levar a salvação às populações. A essa associava-se um discurso evangelizador, instrutivo, capaz de transformar o homem, fazê-lo renascer como única via para a redenção. Embora as questões econômicas, entre as quais o comércio das especiarias, fossem um dos objetivos principais da atividade dos mercadores florentinos em Lisboa, tais não constituíam um fim em si mesmo. Por exemplo, D. Manuel I ambicionava a fusão das monarquias ibéricas e desejava legar um Império Universal. A própria dinâmica de cruzada via nos lucros o meio de financiamento das grandes expedições. O rei alme-

¹ TEIXEIRA, Alfredo. “Religiões de Salvação: A construção de um macroconceito”, *Revista de História Antiga / Journal for Ancient History, Suplemento I: Soteriologias. Identidades e Salvação*, Carlos Almeida, Filipa Roldão, Catarina Almeida (org.). Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2021. p. 24.

² RAMOS, José Augusto. “Salvação, identidade e sentido no horizonte histórico do judeo-cristianismo”, *Revista de História Antiga / Journal for Ancient History, Suplemento I: Soteriologias. Identidades e Salvação*, p. 52.

java asfixiar o Egito, cortando-lhe o acesso às especiarias para depois, com a aliança com o Preste João da Abissínia, invadir a Arábia pelo Mar Vermelho, arrasar Meca e reconquistar Jerusalém.³

A Igreja Católica, principal instituição internacional da época⁴, em particular na Idade Moderna, a par com a monarquia, foi um dos pilares na estruturação das sociedades europeias e coloniais e foi responsável por muitas das conquistas. Ainda que pesassem muitas divergências, ambas erigiram discursos de conquistas temporal e espiritual dos povos, justificativos da escravatura.

Com a morte de D. Manuel I e a subida ao trono de seu filho, D. João III, a política relativa ao império altera-se. O novo monarca não pretende novas conquistas, mas sim reestruturar o dispositivo português no Índico em função de valias económicas e garantir a posse de Moluco.⁵ Surgem também mudanças relativamente ao processo de catequização nos espaços onde a Igreja estava presente desde o começo, pois tanto franciscanos, dominicanos e outros missionários dele participaram com algum êxito, obtendo conversões quase sempre circunscritas às posições portuguesas. Fruto da antiga responsabilidade assumida no âmbito do Padroado, no século XVI, a questão da Reforma e as determinações do Concílio de Trento (1545-1563) fizeram com que o monarca impusesse nova dinâmica às missões ultramarinas. A recém-formada Companhia de Jesus (1540) completou o pilar desse empreendimento, reformulando o percurso do Oriente, dirigindo-se, sobretudo, às populações autóctones e àquelas que já eram cristãs. Ao envolver a Companhia de Jesus, D. João III tornou-se o primeiro monarca europeu a acolher e a apoiar formalmente o projeto jesuítico, associado desde o início ao ensino no reino e no império. Francisco Xavier abriu a senda que diferenciou a substância das missões inicianas ao longo de séculos, e a partir de então as missões para o Oriente tornaram-se prioritárias. A sua presença fortaleceu a interdependência entre as conquistas temporal e espiritual. A missão centrou-se na difusão de princípios doutrinários,

³ THOMAZ, Luís Filipe. *A Expansão Portuguesa. Um prisma de muitas faces*. Lisboa: Gradiva, 2021. p. 103-104.

⁴ CLOSSEY, Luke. *Salvation and Globalization in the Early Jesuit Missions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 1.

⁵ THOMAZ, Luís Filipe. *A Expansão Portuguesa. Um prisma de muitas faces*, p. 134.

imbuída de um programa de disseminação de modelos políticos e sociais ocidentais.⁶

Os jesuítas, imersos numa forte dinâmica de grande mobilidade, tornam-se instrumento útil nos complexos espaços de presença colonial portuguesa, definida como “formal” e “informal”.⁷ Em 1542, a Companhia de Jesus instala-se em Portugal e, em 1546, Simão Rodrigues é nomeado Provincial. O apoio dado pela coroa portuguesa à Companhia de Jesus mobilizou recursos e privilégios que a tornaram central na educação e na missão no país e nos territórios ultramarinos. O apoio régio, assim como o outorgado por particulares, permitiu aos missionários jesuítas instalarem-se de norte a sul de Portugal continental e ilhas atlânticas, onde associavam as duas vertentes. A prosperidade da Companhia no país patenteou-se desde logo e, ao longo de 215 anos de atividade, construiu colégios, seminários e uma Universidade, a Universidade de Évora.⁸ O colégio de Santo Antão em Lisboa (1553), no bairro da Mouraria, mais conhecido por “Colegiinho”, fundamental instituição administrativa do país, e a Casa Professa de São Roque eram responsáveis pela formação do núcleo de jesuítas destinados às missões, particularmente às do Oriente, e ainda admitiam alunos externos. Além da educação em Portugal, tinham a seu cargo as ações evangelizadoras na Ásia, nas Américas e na África. Até 1557, ano da morte de D. João III, a Companhia enviou para o Oriente e para o Brasil 15 expedições missionárias e fundou a primeira província administrativa, a de Portu-

⁶ PALOMO, F. *Fazer dos campos escolas excelentes: os Jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003. p. 24.

⁷ NEWITT, Malyn. “Formal and Informal Empire in the History of Portuguese Expansion”, *Portuguese Studies*, n. 17, 2001, p. 1-22.

⁸ LOPES, A. “A educação em Portugal de D. João III à expulsão dos Jesuítas em 1759”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, n. 5, 1993, p. 25. Disponível em: <<https://doi.org/https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.1993.7982>>. Acesso em: 11 maio 2018. António Lopes aponta alguns exemplos de colégios ligados aos jesuítas: “Alguns exemplos ao longo destes 200 anos: em 1560 foi a fundação dos colégios do Porto e de Braga; em 1561, do de Bragança; em 1563, do de São Manços de Évora; em 1570, dos do Funchal e de Angra; em 1575, do de Luanda (que dependia da Metrópole); em 1577, do de Nossa Senhora da Purificação de Évora; em 1583, do da Madre de Deus, também em Évora; em 1591, do de Ponta Delgada; em 1593, do de S. Patrício, em Lisboa; em 1599, do de Santiago, em Faro; em 1605, do de S. Sebastião em Portalegre; em 1621, do de Santarém; em 1623, do de São Salvador do Congo; em 1644, do de Elvas; em 1652, do Faial; em 1655, do de Setúbal; em 1660, do de Portimão; em 1670, do de Beja; em 1677, do de São Francisco Xavier, em Lisboa; em 1735, do de Vila-Viçosa; e em 1739, do de Gouveia”.

gal. Possuía missões em Goa, Marrocos, Brasil, Angola, Guiné, “Cafrária”, Etiópia e tentara já entrar na China.

Atendendo a dimensão e a diversidade sociocultural dos espaços missionados, as metodologias missionárias foram se adaptando aos contextos. De assinalar, no âmbito das missões internas (Europa), o papel crucial das missões, em particular as estabelecidas nos meios rurais. Havia que combater a “barbárie” e a “ignorância” em matéria de fé. Os fiéis necessitavam ser doutrinados; devia-se-lhes ensinar a transitoriedade da vida, a inevitabilidade do castigo divino e a necessidade de um pronto e eficaz arrependimento. Os padres deviam dedicar-se, entre outros afazeres, à pregação, às procissões de crianças, às confissões e ao ensino da doutrina. Os inacianos souberam, desde os primeiros tempos, preparar adequadamente o missionário, e ser padre tornou-se um ofício. Os seminários e os colégios eram um instrumento de sua formação, visando travar o avanço do protestantismo e levar as populações a praticar corretamente o rito romano, liberto de tradições judaicas e de crenças antigas enraizadas na sociedade.⁹

No império, para além do apoio espiritual às populações europeias que por ali circulavam, tanto cristãos-velhos como cristãos-novos haviam de alargar as missões às populações autóctones. Isto é, era necessário angariar novos cristãos ou catequizar os que já se autodesignavam cristãos.

Tomando como exemplo o Oriente, a ação jesuítica na Índia havia de aumentar o número de convertidos e instruir na fé católica os cristãos de São Tomé, cristãos de rito oriental e a comunidade Paravás, convertidos a partir de 1520 pelos franciscanos, mas pouco preparados nas “verdades da fé”. A dificuldade em fazer cristãos ou manter na fé os que se haviam convertido fez com que a Ordem tivesse desenvolvido métodos adaptacionistas, mecanismos utilizados para ser aceite e conseguir missionar. Porém, nem todos os missionários eram adeptos dessa metodologia. Independentemente do número de missionários que utilizaram a adaptação/acomodação, sabemos que em algumas missões só conseguiram estabelecer-se com o recurso às ciências, como a matemática e a astronomia, domínios do saber muito apreciados na China e que permitiram a sucessão de vários jesuítas na corte em Pequim. O caso do método da *accommodatio* foi concebido para

⁹ Cf. PALOMO, PALOMO, F. *Fazer dos campos escolas excelentes: os Jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, p. 24.

a missionação no Japão, tendo sido depois levado para a China por Matteo Ricci e dali para a missão indiana de Roberto De Nobili no Madurai. Assentava-se no conhecimento da estrutura espiritual das culturas asiáticas consideradas “pagãs”, mas ao mesmo tempo sociedades complexas e “civilizadas”; tinha em vista introduzir o cristianismo através de uma substituição ou redefinição dos costumes “sociais” existentes.¹⁰

Em outras regiões por onde se espalharam, outras metodologias foram usadas para a conversão. No Brasil, a chegada de Nóbrega à Bahia, a passagem por Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e São Vicente, marcou o início do processo de cristianização do “índio”, conceito, sabemos hoje, de composição linguística e cultural heterogênea. Envolveu uma série de estratégias de ensino da doutrina e dos valores cristãos, de preocupação com a aprendizagem da língua tupi, falada pelos colonos portugueses instalados há anos. Porém, atendendo o nomadismo das populações e a fim de evitar certas práticas ancestrais, como a antropofagia e a poligamia, criaram o aldeamento – as “missões” ou “reduções” (*reducciones*, na designação empregada, sobretudo, para o território espanhol) –, onde o ameríndio ficava sob a administração e estrita vigilância dos padres, auxiliados por um conselho eleito de notáveis da aldeia, criando assim um “Homem Novo”.¹¹

Apesar de pontuais desentendimentos e dúvidas em relação à Ordem – decorrentes, nomeadamente, do uso de algumas metodologias missionárias e das riquezas acumuladas tanto pela posse de terras como pela participação no comércio –, a sua relação com a escravatura, a relação que os jesuítas mantiveram com os monarcas lusos até o reinado de D. José I (r. 1750-77) foi de alguma “negociação”. A chegada ao século XVIII impõe nova relação entre a Igreja e o Estado. A Ordem passa a ser vista como um obstáculo cultural e político ao plano ultramarino que o marquês de

¹⁰ Cf. MANSO, Maria de Deus Beites. *História da Companhia de Jesus em Portugal*. Lisboa: Parsifal, 2016; MUNDADAN, A. M. *A History of Christianity in India. From the Beginning up to the Middle of the Sixteenth Century*, vol. I., Bangalore, Church History Association of India, 1989; MCPHERSON, K. “Uma história de duas conversões: Deus, a Cobiça e o Desenvolvimento de Novas na Região do Oceano Índico”. *Oceanos: Culturas do Índico*, p. 75-85, 1998.

¹¹ Cf. CUNHA, Maria José. *Os Jesuítas no Espírito Santo 1549-1759: Contactos, Confrontos e Encontros*. Tese de doutoramento, Universidade de Évora, 2015; AMANTINO, Marcia Sueli; MELEAN, J. C. T. (org.). *Jesuítas en las Americas: Presencia a través del tiempo*. 1. ed. La Plata: Teseco Press, 2019.

Pombal (1699-1782) havia traçado para o Brasil. Os jesuítas são apresentados como criminosos e acusados de atentar contra a integridade territorial do império e, conseqüentemente, contra a própria coroa. A extinção levada a cabo por Pombal em Portugal e no espaço ultramarino é seguida em outros países europeus: na França, a expulsão ocorre em 1764; na Espanha e em Nápoles, em 1767; e, em 1769, em Parma. A supressão da Companhia de Jesus concretiza-se por decreto papal de 1773.¹²

A mobilidade de padres não se limitava somente à Companhia de Jesus. De fato, tanto o clero secular como membros das ordens monásticas orientaram espiritualmente os velhos e novos cristãos, pois estavam a serviço da coroa portuguesa. Ainda hoje subsistem testemunhos desse passado e, mormente, dessa dinâmica evangelizante, como por exemplo igrejas, capelas, seminários, tanto na África e na Ásia como nas Américas.¹³

Maria de Deus Beites Manso
Universidade de Évora

¹² LOPES, A. *O Marques de Pombal e a Companhia de Jesus*. Cascais: Edições Principia, 1999; MAXWELL, K. *Marquês de Pombal, paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996; AMANTINO, Marcia. A expulsão dos jesuítas da capitania do Rio de Janeiro e o confisco de seus bens. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, v. 443, p. 169-191, 2009.

¹³ RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Um mundo em movimento*. Os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808). Lisboa: Difel, 1998. p. 134 e segs.